

VI - COMUNICAÇÃO ENTRE OS DOIS SISTEMAS

Seria não obstante errôneo imaginar que o *Ics.* permanece em repouso enquanto todo o trabalho da mente é realizado pelo *Pcs.* - que o *Ics.* é algo liquidado, um órgão vestigial, um resíduo do processo de desenvolvimento. Também é errôneo supor que a comunicação entre os dois sistemas se acha confinada ao ato de repressão, com o *Pcs.* lançando tudo que lhe parece perturbador no abismo do *Ics.* Pelo contrário, o *Ics.* permanece vivo e capaz de desenvolvimento, mantendo grande número de outras relações com o *Pcs.*, entre as quais a da cooperação. Em suma, deve-se dizer que o *Ics.* continua naquilo que conhecemos como derivados, que é acessível às impressões da vida, que influencia constantemente o *Pcs.*, e que, por sua vez, está inclusive sujeito à influência do *Pcs.*

O estudo dos derivados do *Ics.* desapontará inteiramente nossas expectativas quanto a uma distinção esquematicamente nítida entre os dois sistemas psíquicos. Isso, sem dúvida, provocará insatisfação no que diz respeito a nossos resultados e, provavelmente, será utilizado para lançar dúvidas sobre o valor do modo pelo qual dividimos os processos psíquicos. Respondemos, porém, que não temos outra finalidade senão a de traduzir em teoria os resultados da observação, e negamos que haja qualquer obrigação de nossa parte de alcançar em nossa primeira tentativa uma teoria completa que se recomende por sua simplicidade. Defenderemos as complicações de nossa teoria enquanto verificarmos que atendem aos resultados da observação, e não abandonaremos nossas expectativas quanto a chegarmos, no final, por meio dessas próprias complicações, à descoberta de um estado de coisas que, embora simples em si, possa explicar todas as complicações da realidade.

Entre os derivados dos impulsos instintuais do *Ics.*, do tipo que descrevemos, existem alguns que reúnem em si características de uma espécie oposta. Por um lado, são altamente organizados, livres de autocontradição, tendo usado todas as aquisições do sistema *Cs.*, dificilmente distinguindo-se, a nosso ver, das formações daquele sistema. Por outro, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. Assim, *qualitativamente* pertencem ao sistema *Pcs.*, mas *factualmente*, ao *Ics.* É sua origem que decide seu destino. Podemos compará-los a indivíduos de raça mestiça que, num apanhado geral, se assemelham a brancos, mas que traem sua ascendência de cor por uma ou outra característica marcante, sendo, por causa disso, excluídos da sociedade, deixando de gozar dos privilégios dos brancos. Essa é a natureza das fantasias de pessoas normais, bem como de neuróticas, fantasias que reconhecemos como sendo etapas preliminares da formação tanto dos sonhos como dos sintomas e que, apesar de seu alto grau de organização, permanecem reprimidas, não podendo, portanto, tornar-se conscientes. Aproximam-se da consciência e permanecem imperturbadas enquanto não dispõem de uma catexia intensa, mas, tão logo excedem certo grau de catexia, são lançadas para trás. As formações substitutivas também são derivados altamente organizados do *Ics.* desse tipo; mas, em circunstâncias favoráveis, conseguem irromper até a consciência - por exemplo, caso unam suas forças com uma anticatexia proveniente do *Pcs.*

Quando, em outro lugar, examinarmos mais detidamente as condições para se

tornarem conscientes, seremos capazes de encontrar uma solução para algumas das dificuldades que surgem nesse ponto. No presente momento, parece um bom plano olhar as coisas sob o ângulo da consciência, em contraste com nossa abordagem prévia, que ascendia a partir do *Ics*. Para a consciência, toda a soma dos processos psíquicos se apresenta como o domínio do pré-consciente. Grande parte desse pré-consciente origina-se no inconsciente, tem a natureza dos seus derivados e está sujeita a censura antes de poder tornar-se consciente. Outra parte do *Pcs*. é capaz de se tornar consciente sem qualquer censura. Aqui, chegamos a uma contradição de uma suposição anterior. Ao ventilarmos o assunto da repressão fomos obrigados a situar a censura, que é decisiva para o processo de conscientização, entre os sistemas *Ics*. e *Pcs*. [ver em [1]]. Agora, passa a ser provável que haja uma censura entre o *Pcs*. e o *Cs*. Não obstante, faremos bem em não considerarmos essa complicação como uma dificuldade, mas em presumirmos que, a cada transição de um sistema para o que se encontra imediatamente acima dele (isto é, cada passo no sentido de uma etapa mais elevada da organização psíquica), corresponde uma nova censura. Isso, pode-se observar, elimina a suposição de uma armazenagem contínua de novos registros [ver em [1]].

A razão de ser de todas essas dificuldades reside na circunstância de que o atributo de ser consciente, única característica dos processos psíquicos que nos é diretamente apresentada, de forma alguma se presta a servir de critério para a diferenciação de sistemas. [ver em [1], acima.] Independentemente do fato de o consciente nem sempre ser consciente, mas também às vezes latente, a observação tem demonstrado que grande parte daquilo que partilha das características do sistema *Pcs*. não se torna consciente; além disso, sabemos que o ato de se tornar consciente depende de que a atenção do *Pcs*. esteja voltada para certas direções. Por isso a consciência não se situa numa relação simples, quer com os diferentes sistemas, quer com a repressão. A verdade é que não é apenas o psiquicamente reprimido que permanece alheio à consciência, mas também alguns dos impulsos que dominam nosso ego - algo, portanto, que forma a mais forte das antíteses funcionais ao reprimido. Quanto mais procuramos encontrar nosso caminho para uma concepção metapsicológica da vida mental, mais devemos aprender a nos emancipar da importância do sistema de 'ser consciente'.

Enquanto ainda nos apegarmos a essa crença, veremos nossas generalizações regularmente desfeitas por exceções. Por um lado, verificamos que derivados do *Ics*. se tornam conscientes na qualidade de formações e sintomas substitutivos - em geral, é verdade, depois de terem sofrido grande distorção em confronto com o inconsciente, embora conservando freqüentemente muitas características que exigem repressão. Por outro lado, verificamos que numerosas formações pré-conscientes permanecem inconscientes, embora devêssemos esperar que, por sua natureza, pudessem muito bem ter-se tornado conscientes. Provavelmente, no último caso a atração mais forte do *Ics*. está-se afirmando. Somos levados a procurar a distinção mais importante como estando situada, não entre o consciente e o pré-consciente, mas entre o pré-consciente e o inconsciente. O *Ics*. é rechaçado, na fronteira do *Pcs*., pela censura, mas os derivados do *Ics*. podem contornar essa censura, atingir um alto grau de organização e alcançar certa intensidade de catexia no *Pcs*. Quando, contudo, essa intensidade é ultrapassada

e eles tentam forçar sua passagem para a consciência, são reconhecidos como derivados do *Ics.* e outra vez reprimidos na fronteira da censura, entre o *Pcs.* e o *Cs.* Assim, a primeira dessas censuras é exercida contra o próprio *Ics.*, e a segunda, contra os seus derivados do *Pcs.* Poder-se-ia supor que no decorrer do desenvolvimento individual a censura deu um passo à frente.

No tratamento psicanalítico fica provada, sem sombra de dúvida, a existência da segunda censura, localizada entre os sistemas *Pcs.* e *Cs.* Pedimos ao paciente que forme numerosos derivados do *Ics.*, fazemos com que ele se comprometa a superar as objeções da censura a essas formações pré-conscientes que se tornam conscientes, e, pondo abaixo essa censura, desbravamos o caminho para ab-rogação da repressão realizada pela *anterior*. A isso acrescentemos que a existência da censura entre o *Pcs.* e o *Cs.* nos ensina que o tornar-se consciente não constitui um mero ato de percepção, sendo provavelmente também uma *hipercatexia*, um avanço ulterior na organização psíquica.

Voltemos às comunicações entre o *Ics.* e os outros sistemas, menos para estabelecer algo de novo do que para evitar a omissão daquilo que é mais proeminente. Nas raízes da atividade instintual, os sistemas se comunicam entre si mais extensivamente. Uma parcela dos processos que lá são excitados passa através do *Ics.*, como que por uma etapa preparatória e atinge o desenvolvimento psíquico mais elevado no *Cs.*; outra parcela é retida como *Ics.* Mas o *Ics.* é também afetado por experiências oriundas da percepção externa. Normalmente, todos os caminhos desde a percepção até o *Ics.* permanecem abertos e só os que partem do *Ics.* estão sujeitos ao bloqueio pela repressão.

Constitui fato marcante que o *Ics.* de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do *Cs.* Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável. [Cf. um exemplo disso em Freud, 1913i.]

O conteúdo do sistema *Pcs.* (ou *Cs.*) deriva em parte da vida instintual (por intermédio do *Ics.*) e em parte da percepção. Desconhecemos até que ponto os processos desse sistema podem exercer influência direta sobre o *Ics.*; o exame de casos patológicos muitas vezes revela uma incrível independência e uma falta de suscetibilidade à influência por parte do *Ics.* Uma completa divergência de suas tendências, uma total separação dos dois sistemas, é o que acima de tudo caracteriza uma condição de doença. Não obstante, o tratamento psicanalítico se baseia numa influência do *Ics.* a partir da direção do *Cs.*, e pelo menos demonstra que, embora se trate de uma tarefa laboriosa, não é impossível. Os derivados do *Ics.* que agem como intermediários entre os dois sistemas desvendam o caminho, conforme já dissemos [ver em [1]], para que isso se realize. Contudo, podemos presumir com segurança que uma alteração espontaneamente efetuada no *Ics.* a partir da direção do *Cs.* constitui um processo difícil e lento.

A cooperação entre um impulso pré-consciente e um inconsciente, mesmo quando o segundo é intensamente reprimido, pode ocorrer caso haja uma situação na qual o impulso inconsciente possa atuar no mesmo sentido que um impulso de uma das tendências dominantes. Nessa circunstância, a repressão é removida e a atividade reprimida é admitida como reforço da

atividade pretendida pelo ego. O inconsciente torna-se ego-sintônico no tocante a essa conjunção isolada, sem que ocorra qualquer outra modificação em sua repressão. Nessa cooperação, a influência do *Ics.* é inconfundível: as tendências reforçadas se revelam como sendo, não obstante, diferente do normal; possibilitam um funcionamento especial mente perfeito e manifestam, em face da oposição, uma resistência semelhante à oferecida por exemplo, pelos sintomas obsessivos.

O conteúdo do *Ics.*, pode ser comparado à presença de uma população aborígine na mente. Se existem no ser humano formações mentais herdadas - algo análogo ao instinto nos animais -, elas constituem o núcleo do *Ics.* Depois, junta-se a elas o que foi descartado durante o desenvolvimento da infância como sendo inútil; e isso não precisa diferir, em sua natureza, daquilo que é herdado. Em geral, uma divisão acentuada e final entre o conteúdo dos dois sistemas não ocorre até a puberdade.